



**ANAIS**

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no  
Mundo Contemporâneo**

**XI Colóquio Nacional Cultura e Poder**

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de  
Estudos sobre Religiões e Religiosidades**

**VI Simpósio Regional da ABHR/Sul**

**Laboratório de  
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

**Universidade Estadual de Londrina (UEL)**

**2025**

## GT – Mundo Antigo, Medieval e Religião

### OS EXÍLIOS DE WILFRID

2

**Resumo:** A *Britannia* do século VII viu a igreja romana consolidar-se no pódio da cristandade após o Sínodo de Whitby (664), com o apoio do clérigo Wilfrid. A trajetória deste último foi marcada por conflitos com os reis da Nortúmbria, que controlavam cargos eclesiásticos e sínodos. Este trabalho visa analisar os exílios de Wilfrid, incluindo perdas de dioceses na *Britannia* e apelos a Roma. A pesquisa, em andamento, baseia-se em fontes como a *Vita Wilfrithi* articuladas com teorias sobre exílio e estratégia e tática de Michel de Certeau. Resultados preliminares indicam que os monarcas impunham a sua influência, tornando a autoridade papal mais simbólica do que efetiva. Sendo várias vezes exilado e destituído de cargos e monastérios, Wilfrid personifica essa dinâmica, dependendo do aval real para agir, revelando os limites da autoridade dos cristãos de Roma na *Britannia*.

**Palavras-Chaves:** Wilfrid. Exílio. *Britannia*.

### INTRODUÇÃO

No século VII, devido à dominação de muitos territórios pela Nortúmbria (composta pela união dos reinos de Deira e Bernícia, no norte da *Britannia*), as tradições dos monastérios fundados por Columba ganharam bastante projeção (Beda, *HE*, III, IV). Esse clérigo foi um príncipe da casa O'Neill irlandesa que acabou exilado na ilha de Iona. Sob a proteção do rei Conall mac Comgaill, de Dál Riata, ele cristianizou todo o norte da Grã-Bretanha e fez do cristianismo irlandês a fé dos “poderosos”, com uma instituição religiosa e política que dominou algumas regiões por séculos. De acordo com Brown (1996, p.216), quando a missão de Gregório, o Grande, chegou na *Britannia*, Columba já tinha um extenso “império espiritual”, sendo Iona o vértice de uma pirâmide de mosteiros leais do sul da Irlanda até as Hébridas. As práticas deles divergiam com as da Igreja no funcionamento da sede monástica, no latim, na tonsura, na direção de mosteiros por mulheres e na data da celebração da Páscoa (Brown, 2003, p.361, Couvillon, 2005, p. 25-26, Fowler, 1894, p. Xli).

O desarranjo do calendário litúrgico em virtude da ocorrência da Páscoa mais de uma vez no ano entre os cristãos coíbia a implementação de uma unidade religiosa no território. Por isso, a Igreja e os monges de Columba foram chamados no Sínodo de Whitby, no ano de 664, para decidir qual tradição da Páscoa era a “mais verdadeira” (Beda, *HE*, III, XXV).

Essa ocasião permitiu despontar o protagonista do presente estudo: o eloquente Wilfrid, que representou a frente romana e desferiu o argumento sobre a primazia de Pedro que garantiu a vitória da Igreja no debate do Sínodo de Whitby. O objetivo desse texto é abordar alguns dos dados biográficos de Wilfrid, um clérigo que, desafiando reis, alcançou tal poderio que atraiu o patrocínio entusiasta de dinastias e chefes locais por onde ele passou (Brown, 2013, p. 497).

## ESCOPO TEÓRICO-METODOLÓGICO

3

Primeiramente, os conceitos que permearão essa proposta de estudos são as reflexões relacionadas com o exílio. De modo geral, o exílio pode abarcar uma expatriação forçada, enquanto uma penalidade imposta por uma autoridade a um indivíduo, ou, por escolha própria. Isso significa que o exílio poderia ter como objetivo garantir a sua própria proteção, sendo a fuga de um possível castigo, ou, poderia fazer parte da imposição de penalizações impetradas por uma autoridade superior, que ocasionava o deslocamento do indivíduo de maneira involuntária para outro, afastadas do espaço de origem (Frighetto, 2019, p.21).

Outro conceito que poderá fazer do quadro teórico dessa proposta é o de estratégia e tática de Michel de Certeau (1998, p. 100), que afirma que estratégia é o cálculo, ou a manipulação das relações de forças, que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (como, por exemplo, uma instituição) pode ser isolado, e tem um lugar próprio de exercício de poder. As diversas instituições podem ser detentoras de um lugar “próprio” do exercício de poder, com regras e normas de realização desse, assim como o poderio secular. Ações fora desse âmbito estratégico, são consideradas táticas, definidas por Certeau (1998, p. 99-100) como uma ação calculada que é determinada pela ausência de um poder próprio, joga com o terreno que lhe é imposto, sendo um movimento dentro do campo de visão do inimigo. Assim, pode-se ter como hipótese de análise que os múltiplos exílios de Wilfrid foram estabelecidos por um poder estratégico. Uma vez destituído desse último, Wilfrid concebeu táticas para que ele conseguisse retornar para a Nortúmbria e ter de volta as suas possessões.

## *VITA WIFRITH*

A principal fonte sobre a vida de Wilfrid é a hagiografia *Vita Sancti Wilfrithi*, escrita por Eddius Stephanus. Beda possivelmente também a utilizou para compor *Historia Ecclesiastica* (Blair, 1990, p. 151). De forma geral, a obra de Stephanus tem como objetivo demonstrar a santidade de Wilfrid, e dá pouca atenção às atividades do clérigo fora da Nortúmbria. Há que se ressaltar que, levando consigo a mística de um nobre exílio que atraiu o patrocínio entusiasta de dinastias e chefes locais, ele passou por várias outras cortes na *Britannia*, na Gália, na Frísia e na Itália (BROWN, 2013, p. 497).

Wilfrid era um nobre, de Deira, nascido por volta de 633. Aos quatorze anos, um conflito com a sua madrasta o levou a sair de casa (FRASER, 2009, p. 266). A rainha Eanflæd (filha do rei Edwin e casada o rei Oswiu), tornou-se a protetora de Wilfrid, enviando-o, em 648, para estudar com o monge Cudda na ilha de Lindisfarne (*Vita Sancti Wilfrithi* I; Hindley, 2006, p. 78; Yorke, 2006, p. 181). Esse local era dominado por um braço do cristianismo insular, mas foi pela via do cristianismo romano que ele garantiu a ascensão do ao poder e superioridade.

De acordo com Wood (2010, p. 16-17), quando Wilfrid expressou o desejo de peregrinar à Roma, a rainha Eanflæd o enviou para Kent, na corte do rei Earconberht (640-664). Lá, ele se encontrou com Benedict Biscop, outro nortumbriano que também tinha a intenção de ir para Roma. Provavelmente, ambos partiram com cartas de apresentação do monarca. Segundo Wood (2010, p. 17), esse rei era casado com a princesa Emma (também conhecida como Æmma ou Ymme), que possivelmente era uma franca filha de Chlothar II, o que deixava os viajantes ainda mais bem amparados.

Entre o ano de 653 e 657, Wilfrid peregrinou à Roma com Benedict Biscop. Segundo *Vita Sancti Wilfrithi* V, em Roma ele aprendeu os evangelhos e o cálculo da data da Páscoa, o qual pensava-se que os irlandeses e britânicos (considerados “cismáticos” por alguns) ignoravam. Não se sabe muito sobre as conexões estabelecidas com a corte franca durante a jornada, embora haja indícios de que Wilfrid tenha estreitado relações em Lyon (Wood, 2010, p. 17), local onde ele passou uma temporada após a audiência com o Papa, até o assassinato do arcebispo de Annemund.

Então, Wilfrid voltou para a Nortúmbria portando uma tonsura romana, marca visual que o distinguiria dos monges de Iona. Em uma sociedade de maioria não literata, gestos visíveis e ritos festivos (como a Páscoa) constituir-se-iam em signos que comunicavam mensagens, delimitavam identidades, diferia leigos de clérigos, guerreiro de fazendeiro, “romano” de bárbaro e outros. A “tonsura de São Pedro”, que era o corte de cabelo redondo lembrando uma “coroa” no topo da cabeça, diferia do corte vertical de orelha a orelha dos

monges insulares. Em outras palavras, isso sinalizava o abandono das práticas aprendidas em Lindisfarne (Brown, 2013, p. 495-496).

Mas, para Wood (2010, p. 17), é possível supor que, até o início dos anos 650, Wilfrid não tenha construído qualquer conexão continental significativa. Contudo, no retorno de sua primeira visita à Roma, *ca.* 658, ele parece ter feito contato como rei Saxão Ocidental Cenwalh (*ca.* 645-672). Este último recomendou que Wilfrid introduzisse a liturgia romana ao jovem Alhfrith, filho do rei Oswiu, que atuava como sub-rei do pai em Deira (*Vita Sancti Wilfrithi*, VII). Para ter estabelecido esse contato, Wood (2010, p. 17) especula que Wilfrid tenha viajado para o continente via Wessex, embora essa não fosse a rota mais usual. Lá, ele também já teria conhecido o bispo Agilbert.

Alhfrith deu a Wilfrid um mosteiro em Ripon (situado entre York e o norte de Yorkshire), fundado por um grupo de monges da Abadia de Melrose, seguidores dos costumes insulares (*Vita Sancti Wilfrithi*, VIII). Wilfrid expulsou o abade Eata, alegando que ele não seguiria os costumes romanos (Kirby, 2000, p.88; Higham, 1997, p.42). Pouco depois, Wilfrid foi ordenado sacerdote por Agilbert, então bispo de Dorchesterno (reino do Gewisse, parte de Wessex), a pedido do próprio Alhfrith (*Vita Sancti Wilfrithi*, IX, Hindley, 2006, p. 80).

Na narrativa de Beda e a de Stephanus, a questão da Páscoa foi considerada suficientemente importante para a convocação do Sínodo do ano de 664, com o rei arbitrando a busca da tradição “mais verdadeira” do dia da Páscoa (Stephanus, *Vita Sancta Wifrihi*, X, Beda, *HE*, III, XXIV). Todavia, mesmo que a questão pudesse estar decidida de antemão, era preciso que alguém desempenhasse uma boa performance no rito institucional. Para Brown (2013, p. 496), Wilfrid era o homem certo para isso, tanto devido ao seu apego visceral à normativa romana, quanto pelas ostentações de magnificência, que poderiam conferir-lhe maior autoridade. O mosteiro em Ripon, por exemplo, foi dotado com as riquezas dos locais britânicos recém-conquistados. O altar da igreja dedicada a São Pedro estava coberto com um tecido roxo com ouro, local onde Wilfrid se colocava perante o povo e os reis (*Vita Sancti Wilfrithi*, XVII). Mais tarde, ele fundou em Hexham uma Igreja ainda maior que Ripon, considerada um tipo de “Roma” na *Britannia*, o que colocava Wilfrid na posição de intermediário das “riquezas culturais do Mediterrâneo” (Brown, 2013, p. 498).

Conforme também já mencionado, no relato de Beda (que é maior e mais detalhado do que o de Stephanus) as afirmações atribuídas à Wilfrid e Colman apresentam uma série de anacronismos e simplificações (como a relação dos insulares com o quartodecimanismo, a

vinculação da datação da Páscoa com Niceia ou a alegação de que os irlandeses estavam isolados, o que não corresponde à historiografia).

Após a vitória da Igreja no Sínodo de Whitby, Wilfrid foi nomeado arcebispo de York em 664. Wood (2010, p. 18) afirma que as conexões do clérigo com o continente se aprofundariam após essa nomeação. Para a sua consagração, ele foi enviado por Allhfrith para a vila de Compiègne, na França. Isso implicava no assenso, em última instância, de Chlothar III, filho de Clovis II e de Balthild. Para Wood (2010, p. 18), isso denota que pode ter havido alguma vantagem para o rei merovíngio, ou, para a Igreja franca, que deteve autoridade nos seus vizinhos anglo-saxões enquanto a sede de Canterbury esteve vazia.

Ao retornar para a Nortúmbria, Wilfrid foi informado de que Ceadda havia se tornado bispo em seu lugar (Gautier, 2018, p. 369; Thacker, 2004, p. 476, *Vita Sancti Wilfrithi*, XII). Abels (1983, p. 18) acredita que, enquanto Wilfrid estava na Gália, Alhfrith encabeçou uma revolta contra o seu pai, o rei Oswiu, que retardou o retorno de Wilfrid e a posse deste como bispo, substituindo-o por alguém de sua confiança, já que Wilfrid apoiava o filho insurgente que, naquele momento, parecia ter aspirações separatistas.

Em 668, o bispado de Canterbury ficou vago. Ecgbert, rei de Kent (664-673) e Oswiu, o rei da Nortúmbria, enviaram ao Papa Vitalian (657-672) o clérigo Wighard para ser consagrado arcebispo de Canterbury (Chisholm, 1911, p. 766), evidenciando, com isso, o peso do apoio dos reis aos principais cargos clericais. Com a morte de Wighard antes da posse, Theodore de Tarso foi o nome escolhido pelo Papa Vitalian, e provavelmente aceito pelos reis em correspondências antecedentes (Wood, 2010, p. 16).

Com Theodore, as relações entre Roma e a *Britannia* atingiram um novo patamar, pois várias divergências no território, que mesclavam política e religião, passaram a ser levadas para Roma. Além das contestações acerca das reformas e divisões das igrejas implementadas posteriormente por Theodore, os fundadores monásticos e patronos do monaquismo na *Britannia* buscavam privilégios para as suas fundações, sobretudo (embora não apenas), para se desvencilhar de interferências episcopais. O papado, por seu lado, buscava angariar o máximo de apoio contra o monotelismo de Bizâncio (Wood, 2010, p. 15). Ao chegar na *Britannia*, Theodore depôs Ceadda, por não considerar a sua consagração válida, atribuindo a Sé de York à Wilfrid, que passou a controlá-la, junto com Ripon (Blair, 1990, p. 135; Kirby, 2000, p. 90-93).

Em 670, a morte do rei Oswiu selou o retorno de Wilfrid ao poder. Nesse mesmo ano, ele intermediou as negociações para a devolução de Dagoberto II, um príncipe merovíngio

que estava exilado na Irlanda (Kirby, 1967, p. 265). Além disso, trouxe tabelas da datação pascal romana, introduziu a Regra de São Bento nos mosteiros que fundou, e foi um dos primeiros bispos anglo-saxões a registrar as doações de terras e propriedades da igreja (Thacker, 2004, p. 480).

Nas atividades missionárias, Wilfrid parece ter continuado uma campanha contra qualquer prática politeísta ou sobrevivência do cristianismo de Columba, desconfiando de quaisquer comunidades que tivessem contato com Iona (Yorke, 2006, p. 12; Blair, 2005, p. 186). Apesar dos esforços para a implementação do modo romano às igrejas da *gens anglorum*, há indícios de permanências de práticas culturais insulares.

Para além disso, alguns dos mosteiros de Wilfrid foram colocados sob sua custódia por abades ou abadessas que procuravam proteção para as suas dotações. Isso remonta ao sistema de troca de dons irlandês, de um grupo de mosteiros governado por uma pessoa, que, às vezes, ocupava um cargo episcopal. No mais, o relato de que ele enviou guerreiros para capturar um menino prometido à Igreja, cuja família parecia ter mudado de ideia, denota que ele também possa ter atuado diretamente na educação de jovens em carreiras clericais (Brown, 2003, p. 359; Farmer, 1998, p. 24).

Em 677 ou 678, depois de uma briga com o rei Ecgrith (rei de Deira de 664 a 670, e após, sucessor de Oswiu como rei da Nortúmbria, de 670 até 685), Wilfrid foi expulso da Nortúmbria, perdendo a sua diocese e os mosteiros que controlava no reino (Thacker, 2004, p. 481). Existem várias hipóteses sobre as razões dos conflitos com o rei. O estopim pode ter iniciado com o apoio de Wilfrid para que a esposa do rei Ecgrith, a rainha Æthelthryth, entrasse para um monastério (Stenton, 1971, p. 135); ele pessoalmente deu a ela o véu que marcava a cerimônia de entrada na Abadia de Ely. Æthelthryth doou para Wilfrid as terras que fizeram parte do dote que ela recebeu (local onde ele construiu a Abadia de Hexham), terras que Ecgrith pretendia recuperar quando casado. Para Kirby (2000, p. 90), a defesa do culto do rei Oswald também contribuiu para a expulsão de Wilfrid.

Theodore de Tarso, que reivindicava autoridade para implementar reformas sobre toda a *Britannia*, também tinha conflitos com Wilfrid, que se considerava o legítimo detentor do controle clerical sobre a porção Norte da *Britannia* (Fraser, 2008, p. 210).

De forma que, aproveitando-se do momento conturbado de Wilfrid com o rei, Theodore dividiu as grandes dioceses (inclusive as de Wilfrid) até então organizadas com um, ou, no máximo, dois bispos para cada reino ou província. Assim, ele estabeleceu novos bispados, com assentos em York, Hexham, Lindisfarne e um na região de Lindsey, que foi

absorvida por Lichfield (KIRBY, 1967, p. 49). Com o apoio do mosteiro de Whitby, ele também promoveu o culto de Gregório, o Grande, como o apóstolo dos ingleses, estabelecendo, dessa maneira, um único arcebispado com autoridade indiscutível sobre toda a igreja da *gens anglorum*, com Gregório como seu patrono, preeminência que permaneceu amplamente incontestada, até mesmo após o estabelecimento de uma Sé metropolitana em York, no ano de 735 (Thacker, 2005, p. 484)

O fato de o arcebispo de Canterbury poder efetuar mudanças nos bispados dos outros reinos indica a primazia do reino de Kent em matérias eclesiásticas, o que passou a ocorrer desde a missão de Agostinho. Conforme Beda (*HE*, I, XXVII), quando Agostinho perguntou como lidar com os bispos da Gália e da *Britannia*, Gregório respondeu que ele não tinha autoridade sobre os bispos da Gália, mas os da *Britannia* estariam aos seus cuidados enquanto vivo. Em outras palavras, foi definido que Canterbury, o local onde Agostinho se estabeleceu, teria superioridade nas diretrizes cristãs na Ilha, preeminência essa transmitida aos seus sucessores.

Isso se tornou um problema quando o centro de poder migrou para a Nortúmbria, ocasionando resistência à subordinação por parte de clérigos que comandavam grandes dotações, como Wilfrid, que requeria um poder religioso proporcional ao poderio alcançado pela região do norte, o que não era reconhecido ou aceito em Kent.

Os bispos escolhidos para as novas sedes foram Eata para Hexham, Eadhæd em Lindsey e Bosa para York. Todos esses clérigos apoiaram os métodos de Columba em Whitby, ou tiveram alguma relação com os insulares. Isso incomodou Wilfrid, que, além de os considerar ilegítimos para os cargos, também criticou a alocação de pessoas não advindas da própria casa monástica (Kirby, 2000, p. 91 Blair, 2005, p. 99).

Imediatamente após a sua expulsão, Wilfrid iniciou uma saga com vários pedidos de intervenções papais, sendo um dos primeiros clérigos a desafiar os decretos régios e eclesiásticos na *Britannia* (Hindley, 2006, p. 48). A viagem para Roma foi iniciada via Frísia, passando pela Austrásia, então corte do rei Dagoberto II (cujo regaste do exílio foi auxiliado por Wilfrid), denotando, uma vez mais, o entrelaçamento de religião com a política (Wood, 2010, p. 22). Esse monarca ofereceu para Wilfrid um bispado em Strasbourg, o qual ele recusou (Hindley, 2006, p. 121). O clérigo também foi recebido pelo rei lombardo Perctarit, que tinha recentemente recuperado o reino. Isso significava que, durante as jornadas eclesiásticas, Wilfrid era acolhido como convidados dos reis (Wood, 2010, p. 22).

Chegando na Itália, em 679, ele reivindicou em Roma a autoridade sobre o Norte da *Britannia*, Irlanda, povos gaélicos e pictos (Fraser, 2008, p. 196; Kirby, 2000, p. 70-71). Agatho (Papa de 678 até 681 cf. Kelly, 2018, p. 115), realizou um sínodo em 679. Nessa ocasião, ele estabeleceu a restauração dos mosteiros que pertenciam a Wilfrid (*Vita Sancti Wilfrithi*, XVI; Stenton, 1971, 136) e atribuiu-lhe o poder para substituir bispos, desde que as novas dioceses criadas por Theodore fossem mantidas (Chadwick, 1995, p. 88).

Hilda, a abadessa de Whitby, também fez petições para Roma contra Wilfrid. Além de ser uma eclesiástica, ela também era membro da dinastia real, já que seu pai era sobrinho do rei Edwin. Segundo Wood (2010, p. 23), pode-se supor que o próprio rei Ecgrith se fazia, assim, representado no tribunal papal. Benedict Biscop também poderia estar em Roma nesse período, comprando livros e relíquias para a nova fundação em Wearmouth, apoiado pelo rei Ecgrith, para quem ele atuava também como agente. Biscop teve até mesmo de nomear um co-abade para o monastério de Wearmouth justamente para essas ocasiões. Ou seja, em Roma, ele também poderia representar alguma oposição (a mando do rei) no caso de Wilfrid, fatos relegados ou considerados de pouca importância por Beda e outros hagiógrafos (Wood, 2010, p. 23).

Ao retornar para a Nortúmbria com o decreto romano em mãos, Wilfrid foi preso, sob a acusação de ter comprado aqueles documentos, e após, foi exilado pelo rei. Mesmo portando as ordens de Roma, a expulsão parece indicar que autoridade não implicava na legitimidade régia, ou seja, que os reis cumpririam os decretos eclesiásticos sem a necessidade do uso da força. Muito pelo contrário, a não concordância do rei implicou na expulsão de Wilfrid da Nortúmbria, ainda que ele fosse detentor de *auctoritas* na *ecclesia* e estivesse chancelado por Roma.

A maior parte dos privilégios monásticos envolviam o assenso régio, já que as concessões papais se relacionavam com imunidade de interferência episcopal, o que poderia se chocar com os interesses ou estruturas de autoridade de um reino. Benedict Biscop conseguiu com o Papa um privilégio para Wearmouth. Diferentemente de Wilfrid, ele possuía o consentimento régio, o qual, muitas vezes, determinava a diferença entre o cumprimento ou não dos decretos papais (Wood, 2010, p. 24-25).

Com o estigma do “nobre no exílio”, Wilfrid passou pelos Middle Angles, Wessex, e, por fim, se refugiou em Sussex sob a proteção do rei Æthelwealh (ca. 670 - 685), para quem ele trabalhou por conversões (Brown, 2013, p. 497; Stenton, 1971, p.138). Ademais, ele auxiliou Erconwald, bispo de Londres, a reformar uma igreja em Sussex. Erconwald, por sua

vez, intermediou a reconciliação de Wilfrid com Theodore de Tarso antes da morte deste último, que ocorreu em 690 (Yorke, 1997, p. 56).

Æthelwealh de Sussex morreu durante uma invasão de Cædwalla de Wessex (685 - ca. 688), rei que se converteu ao cristianismo e tornou Wilfrid o seu conselheiro (Kirby, 2000, p. 100; *Vita Sancti Wilfrithi*, XLII). Esse monarca confirmou a concessão de terras na área de Selsey, feita à Wilfrid por Æthelwealh, local onde foi construída a Abadia de Selsey. Além disso, Cædwalla enviou Wilfrid para a Ilha de Wight para converter os habitantes, e deu-lhe um quarto das terras da ilha como um presente. Em 688, esse rei renunciou o trono, peregrinou à Roma para ser batizado e morreu logo após a cerimônia. A morte ocorreu possivelmente porque Cædwalla já estava gravemente ferido devidos aos confrontos enquanto lutava na Ilha de Wight (Kirby, 2000, p. 1000; Yorke, 1997, p.164).

Na Nortúmbria, após a morte de Ecgrith, em 685, Theodore escreveu ao novo rei, Aldfrith, e à Æthelred, o rei da Mércia (o que denota que a Mércia tinha expandido o seu poder nesse período), sugerindo que um novo acordo fosse feito permitindo o retorno de Wilfrid à Nortúmbria. Aldfrith concordou, mas Wilfrid não recuperou todos os seus bispados. Acredita-se que ele pode ter dirigido a Sé de Lindisfarne (após a morte de Cuthbert, em 687), que permaneceu separada de Hexham (Stenton, 1971, p. 139, Thacker, 482, p. 2004).

Em 691, existiram disputas com o rei Aldfrith, que impelia Wilfrid a ficar apenas com Ripon, que seria transformado em bispado. Como não houve acordo, Wilfrid foi para a Mércia (Blair, 2005, p. 96; Stenton, 1971, p. 139). Esse exílio é relacionado com uma citação incompleta de William de Malmesbury, em *Gesta pontificum Anglorum*, uma carta em latim (sem data) escrita por Aldhelm de Malmesbury aos abades de Wilfrid. Nela, Aldhelm pede aos clérigos que se lembrem do bispo exilado, que os havia “educado no amor paternal” e os exorta a não abandonar o seu superior (Ehwald, 1919, p. 500). Isso significava que Wilfrid era detentor de *auctoritas*, sendo uma figura respeitada não apenas entre os mosteiros que pertenciam a ele, como se vê pela carta citada acima, mas também fora deles, razão pela qual ele pode ter tido tanto apoio de outros reinos quando foi exilado da Nortúmbria.

Por volta do ano de 700, Wilfrid apelou mais uma vez à Roma, agora sob a égide do Papa Sérgio I (687-701), sobre a destituição dos locais religiosos que ele fundou. O Papa encaminhou a questão para ser discutida na *Britannia*. No ano de 703, o rei Aldfrith realizou uma deliberação em Austerfield, conhecida como Concílio de Aetswinapathe, que apoiou a manutenção da expulsão de Wilfrid (*Vita Sancti Wilfrithi*, XLVI; Stenton, 1971, p. 143). O Concílio presidido por Berhtwald, o novo arcebispo de Canterbury, determinou que Wilfrid

deveria ser privado de todos os seus mosteiros, exceto Ripon, no qual ele permaneceria mas não deveria desempenhar funções episcopais. Wilfrid não concordou e fez mais uma apelação à Roma. Após, os seus opositores decidiram pela excomunhão, pois não era de interesse ter um clérigo questionando permanente a autoridade local. Para Brown (2013, p. 483), por mais de uma geração a vertente cristã romana galgou degraus na *Britannia*, tendo os seus representantes sido cuidadosamente selecionados por reis e nobres, que sabiam exatamente o que eles queriam de uma religião estrangeira e como ela poderia auxiliá-los em termos de prestígio, casamentos e poder. Clérigos como o Wilfrid poderiam se tornar concorrentes do poderio régio. Novamente, Roma interveio, a pedido de Wilfrid, requerindo que o rei da Nortúmbria seguisse os decretos anteriores e restaurassem-lhe a sede de Ripon (Thacker, 2004, p. 482).

Um novo concílio não foi realizado porque Eadwulf matou o rei Aldfrith, por volta de 704, e usurpou-lhe o poder. Após algumas tentativas de aproximação, Eadwulf ordenou que Wilfrid permanecesse fora da Nortúmbria. Isso fez com que Wilfrid apoiasse uma conspiração em favor da reintegração do trono à Osred, filho de Aldfrith, que tinha por volta de oito anos de idade naquele período. Essa movimentação provavelmente teve o apoio da abadessa de Whitby, Ælfflæd (meia irmã de Aldfrith, portanto, tia do príncipe) e Berhtfrith, o nobre tido como o responsável por derrotar e exilar Eadwulf. Uma vez isso feito, o príncipe Osred foi coroado ainda criança e Wilfrid se conclamou o pai adotivo do novo rei. A partir de então, o governo da Nortúmbria, de fato, ficou nas mãos de Wilfrid, de Berhtfrith e possivelmente de Ælfflæd (Rollason, 2004; *Vita Sancta Wilfrithi*, LX).

Durante a sua estada na Mércia, com o consentimento do rei Æthelred, Wilfrid havia atuado como bispo de Leicester até 706 (Kirby, 2000, p. 120), mas, quando Osred foi declarado rei, já na qualidade de tutor do novo governante, o beato reivindicou de volta as suas antigas possessões na Nortúmbria. Em *Vita Sancta Wilfrithi* LX, é narrado que, no primeiro ano de Osred, Berhtwald, arcebispo de Kent, a abadessa Ælfflæd, vários bispos, abades e reis da *Britannia* se reuniram em um local próximo do rio Nidd (nas adjacências de Yorkshire) para considerar o caso de Wilfrid. De acordo com a hagiografia, após a deliberação entre os bispos, reis e conselheiros ali presentes, foi decidido “selar a paz” com Wilfrid e restituir-lhe, o que, segundo eles, eram dois de seus melhores mosteiros, Ripon e Hexham, com todas as suas receitas e pertences. A Sé de York não foi devolvida. Ele desempenhou funções episcopais nesses locais até a sua morte, que ocorreu por volta de 709 ou 710, com cerca de setenta e cinco anos de idade (Thacker, 2004, p. 474, Stephanus, *Vita Sancta Wilfrithi* LX).

## CONCLUSÃO

A partir da trajetória de Wilfrid, foi possível sumarizar alguns aspectos da cristandade na *Britannia* antes e após o Sínodo de Whitby, instância institucional na qual a Igreja romana foi legitimada como autoridade una na *Britannia*. De acordo com o que já foi discutido anteriormente, para que um elemento sociocultural seja considerado legítimo, é preciso que exista um consenso coletivo que assegure a obediência a uma normativa sem a necessidade de coerção ou intimidação (Levi, 1998, p. 687-689). Em nível clerical, essa foi a determinação instituída pelo Sínodo de Whitby. Era suposto, portanto, que as determinações de Roma fossem acatadas na *Britannia*.

A partir da biografia de Wilfrid, pode-se depreender que, na prática, isso não ocorreu de forma integral. De fato, a pedido de Roma, instâncias institucionais cristãs, sínodos ou concílios, foram realizados para tratar das questões requisitadas, porém, o resultado da deliberação dependia fortemente do alvitre régio. Wilfrid, por exemplo, conseguiu manter as suas possessões de forma mais pacífica apenas quando apoiado pelo rei, ou melhor, quando ele próprio se tornou o regente de Osred e pôde fazer as suas reivindicações.

Por conseguinte, pode-se perceber que o apoio institucional da Igreja estava longe de ser o suficiente, e os reis não estavam dispostos a manter um clérigo que desafiasse constantemente a sua autoridade (considerando que esse último termo é relacionado com convicção, confiança ou peso da pessoa, coletivo ou instituição que toma ou sanciona uma decisão cf. Pereira, 1988, p. 354). Devido a uma série de disputas que envolveram poder, terras e comunidades monásticas, Wilfrid foi exilado da Nortúmbria pelos reis Oswiu, Ecgfrith, Alhfrith, Aldfrith e Eadwulf.

Pelas súplicas em favor da volta de Wilfrid, como visto na carta de Aldhelm, percebe-se que ele era um clérigo que deteve *auctoritas* sobre as suas possessões. Além disso, por vezes, também teve a chancela de Roma. Contudo, isso não foi o bastante para mantê-lo no poder. A partir disso, podemos concluir que o Sínodo de Whitby legitimou a Igreja na *Britannia*, desde que os clérigos estivessem subordinados às determinações dos monarcas e não disputassem com eles a autoridade em nenhum nível. Conforme Brown (2013, p. 362) asseverou, uma das possíveis razões para os primeiros exílios de Wilfrid foi o ofuscamento do rei como patrono, já que o monge viajava com uma suntuosa comitiva.

Após o Sínodo de Whitby, por um período, a rede de mosteiros de Wilfrid se estendeu por vários locais da *Britannia*. Todos os locais que foram construídos por Wilfrid

assemelhavam-se, arquitetônica e estruturalmente, ao que se via em Roma, denotando a fidelidade do clérigo à Igreja (Brown, 2003, p. 52; Farmer, 1998, p. 26).

Uma outra marca desse eclesiástico foi a habilidade de atrair o apoio de mulheres poderosas, e, especialmente, rainhas. A rainha Eanflæd, sua primeira protetora, apresentou-o a vários contatos importantes. Mais tarde, ele conquistou também o apoio da rainha Æthelthryth, que lhe rendeu a doação de terras para a Abadia de Hexham, e por fim, o suporte da abadessa Ælfflæd, que possivelmente o apoiou na decisão de se tornar o pai adotivo do príncipe Osred, permitindo que Wilfrid passasse a controlar diretamente a Nortúmbria.

Para além da *Britannia*, ele fez muitos contatos e alianças também na Gália, na Frísia e na Itália. Em suma, Wilfrid foi um fundador prolífico de igrejas (cuja maior parte ele não controlou até a sua morte), e um grande arrecadador de fundos, adquirindo terras e dinheiro de muitos dos reis com quem fez contato, fazendo com que se tornasse um bispo poderoso (Blair, 2005, p. 97), o que repercutiu na continuidade de seus trabalhos, mesmo durante os períodos de exílio. Em suma, segundo Wood (2010, p. 35), tentar distinguir Igreja e Estado em uma carreira como a de Wilfrid é, em última análise, um exercício infrutífero.

## REFERÊNCIAS

### Fonte:

STEPHANUS, E. *Vita Sancti Wilfrithi*. B. Colgrave (org). Cambridge: University Press, 2007.

### Referências bibliográficas:

ABELS, Richard. The Council of Whitby: A Study in Early Anglo-Saxon Politics. **Journal of British Studies**. 23 (1): 1–25, 1983.

BLAIR, John P. **The Church in Anglo-Saxon Society**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BLAIR, Peter Hunter. **The World of Bede**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BROWN, Peter G. **The Rise of Western Christendom: Triumph and Diversity, A. D. 200–1000**. Tenth Anniversary Revised Edition. Oxford: John Wiley & Son, 2013.

CHADWICK, Henry. Theodore, the English Church, and the Monothelete Controversy. In: LAPIDGE, Michael (ed.). Archbishop Theodore. **Cambridge Studies in Anglo-Saxon England**. n. 11. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1995

CHARLES-EDWARDS, T. M. The Continuation of Bede: High-Kings of Tara and 'Bretwaldas'. In: SMYTH, Alfred P. (ed.). **Seanchas: Studies in Early Medieval Irish Archaeology, History and Literature in Honour of Francis J. Byrne**. Dublin & Portland: Four Courts Press, 2000.

CHISHOLM, Hugh (ed.). "Ecgrith". In: **Encyclopædia Britannica**. Cambridge: University Press, 1911.

COATES, Simon. The Role of Bishops in the Early Anglo-Saxon Church: A Reassessment. **History**, 81, 262, 1996.

EHWALD, Rudolf (ed.). **Aldhelmi Opera**. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1919.

FARMER, D. H. Introduction. **The Age of Bede: Bede – Life of Cuthbert, Eddius Stephanus – Life of Wilfrid, Bede – Lives of the Abbots of Wearmouth and Jarrow, The Anonymous History of Abbot Ceolfrith with the Voyage of St Brendan**. London: Penguin Books, 1998.

FRASER, James E. **From Caledonia to Pictland: Scotland to 795**. Edinburgh: Edinburgh: University Press, 2009.

HIGHAM, N. J. **The Convert Kings: Power and Religious Affiliation in Early Anglo-Saxon England**. Manchester: University Press, 1997.

HINDLEY, Geoffrey. **A Brief History of the Anglo-Saxons: The Beginnings of the English Nation**. New York: Carroll & Graf Publishers, 2006.

KELLY, J. N. D. Walsh, Michael. **Dictionary of Popes**. Oxford: University Press, 2018.

KIRBY, D. P. **The Earliest English Kings**. New York: Routledge, 2000.

KIRBY, D. P. **The Making of Early England**. New York: Schocken Books, 1967.

RUST, L.; Castanho, G. (2017). A Igreja como passado: um prólogo historiográfico. *Veredas da História*, 10, 2, 9-21.

YORKE, Barbara. **The Conversion of Britain: Religion, Politics and Society in Britain c. 600–800**. London: Pearson/Longman, 2006.

YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. New York: Routledge, 1997.

ROLLASON, D. Osred I (696x8–716), king of Northumbria. **Oxford Dictionary of National Biography**, 2004. Disponível em <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-20903>>. Acesso dez. de 2020.

STENTON, F. M. **Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 1971.

THACKER, Alan. Wilfrid (St Wilfrid) (c.634–709/10). **Oxford Dictionary of National Biography**. Oxford: University Press, 2004.

THACKER, Alan. England in the seventh century. In: FOURACRE, P. *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: University Press, 2005.

WOOD, Ian N. The continental connections of Anglo-Saxon courts from AEthelberht to Offa. In: **Le relazioni internazionali nell'alto medioevo**. Spoleto: Fondazione Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 2010.